

Pesquisa em história da educação em tempos de COVID-19: desafios na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Fabiana Ferreira Martins

Mestra em Educação pela UDESC, Licenciada em Pedagogia e Bacharel em Administração

José Augusto da Silva Neto

Doutorando em Educação pela UDESC, Bacharel em Biblioteconomia

Nicholas Cardoso Gomes da Silva

Doutorando em Educação pela UDESC, Licenciado em Pedagogia, História e Informática

DOI: 10.47573/aya.5379.2.75.14

RESUMO

Neste estudo, discute-se o cenário da pesquisa em História e Historiografia da Educação no contexto pandêmico oriundo da covid-19. Para tanto, intentou-se identificar os desafios e as novas rotinas criadas para driblar caminhos de pesquisa no campo. Trata-se de um estudo exploratório por meio de questionários online para coleta de dados de estudantes de Mestrado e Doutorado da linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Os resultados apontam as dificuldades no acesso às fontes documentais, estas sendo primordiais ao desenvolvimento das investigações nesse campo – valor das fontes documentais no modo digital como facilitador ao acesso, a necessidade da adoção de políticas públicas para digitalizar e preservar o acervo físico, garantindo não apenas a pesquisa histórica, mas também a guarda da memória da História da Educação catarinense e brasileira. Refletiu-se, com isso, a importância de cuidar de vidas, para a continuidade dos trabalhos científicos futuros.

Palavras-chave: pandemia. pesquisa. história da educação.

INTRODUÇÃO

Estudos sobre as pesquisas em tempos de adversidades exigem que se tenha um olhar atento aos diálogos contemporâneos que estão borbulhando nesse momento de incertezas no país e no mundo, assim como nas possíveis categorias capazes de movimentar um assunto novo e, ao mesmo tempo, delicado. A pesquisa em Educação resultante de um caráter multidisciplinar é analisada por diversos campos do conhecimento, tendo em cada qual seus aspectos particulares referentes à pesquisa científica, aos seus arcabouços teóricos e fenômenos definidos.

Este artigo é fruto de discussões reverberadas por diferentes campos do conhecimento, entre eles Pedagogia, Biblioteconomia e História. Escrito por mãos e mentes singulares, este texto advém de considerações levantadas nas reuniões do Grupo de Pesquisa em Cultura Impressa e Digital, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), coordenado pelas Professoras Doutoras Gisela Eggert-Steindel e Elaine Rosângela de Oliveira Lucas (CNPq, 2014), tendo como pesquisas temas que refletem a teoria e a prática da informação, da biblioteca, dos arquivos, da memória, do papel dos gestores de unidades de informação na sociedade contemporânea brasileira.

Este estudo delimitou-se aos mestrandos e doutorandos da linha de pesquisa História e Historiografia da Educação (HHE), entre 2016 e 2020, da qual fazemos parte. Ela foi criada para o curso de Mestrado em Educação da UDESC no ano de 2006 e congrega investigações, particularmente a brasileira e a catarinense, em múltiplas abordagens, temporalidades, objetos e fontes (UDESC, 2020). Os temas de pesquisa que se articulam nessa linha abordam estudos (auto) biográficos, memórias escolares, história da profissão docente, estudos sobre as infâncias, sobre o Ensino Médio, impressos escolares, história do livro e da leitura e suas instituições de guarda, como bibliotecas, arquivos e museus, patrimônio histórico-educativo e cultura escolar. Esses conteúdos são abordados sob diversas óticas de formação em um movimento que contempla a Educação em interface com a História e as demais Ciências Sociais. Os diferentes temas de estudos dessa linha lançaram luz aos aspectos importantes, antes ignorados, da HHE brasileira e catarinense, desvelando as formas e os sentidos das instituições e seus sujeitos.

Nesse período de incertezas, as discussões em torno do pesquisar em Educação durante a pandemia levam em consideração algumas especificidades de cada pesquisador. As metodologias de coleta de dados, como visitar um arquivo, ou entrevistas pessoais, por meio da história oral, estão tendo que ser reinventadas e/ou reinterpretadas devido às adversidades, por isso, surge-nos a seguinte questão: quais os possíveis caminhos traçados pela pesquisa em HHE nesse tempo de pandemia?

Nessa problemática, buscaram-se identificar os caminhos de pesquisa por intermédio dos discentes do PPGE na linha de HHE, ingressantes entre os anos de 2016 e 2019, em nível de Mestrado e Doutorado. Justifica-se a presença dos doutorandos que ingressaram no programa em 2016, pois eles estão defendendo ou finalizando as teses em meio ao isolamento social. Para responder à nossa pergunta de pesquisa, alguns objetivos foram traçados: como questão geral, identificar os caminhos de pesquisa em HHE no PPGE-UDESC em tempos de pandemia; além disso, três ações interpretativas para auxiliar: compreender como estão ocorrendo as pesquisas no campo da HHE no PPGE-UDESC durante a pandemia; perceber, por meio de questionário, as interferências nas pesquisas desenvolvidas por discentes do PPGE na linha de HHE; refletir sobre a conjuntura da pandemia no PPGE na linha de HHE.

Para nos auxiliar na escrita deste trabalho, assim como na leitura dos dados coletados, buscamos suporte nos estudos pautados no campo da História Cultural, por ser o campo que desenvolvemos nossas pesquisas no Grupo de Pesquisa e por compreendermos que nos auxilia de forma concreta no diálogo com as pesquisas no campo da HHE. Na abordagem que diz respeito ao método de investigação e escrita, adotamos a lente de Michel de Certeau (2006), no que representa a tarefa de fazer um trabalho científico e seu impacto, um trabalho no qual se adota um viés historiográfico, devendo-se articular com aspectos de produção socioeconômica, política e cultural. Aplicado esse viés ao presente estudo, significa pensar as pesquisas em Educação em um momento desafiador, esbarrando com as incertezas no cenário político do país que reverberam na crise sanitária e econômica que estamos vivenciando.

Nos últimos meses, a população mundial, em todos os níveis da sociedade, vem enfrentando os impactos da pandemia da covid-19. Um novo coronavírus, cientificamente identificado como SARS-COV-2 (LUIGI; SENHORAS, 2020), rapidamente tomou vasta abrangência de contágio no mundo, impactando a realidade humana e demandando formas alternativas de atuar no cotidiano. Para Michel de Certeau, “o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. [...] “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. (CERTEAU, 2002, p. 31).

Nesta perspectiva, frente às ações de reduzir o contágio dessa doença infecciosa, foi implementado o isolamento social. Tal prática foi largamente difundida nas mídias sociais por meio da frase: “fique em casa”. Nesse cenário, a efeito das políticas públicas de saúde adotadas no país, as atividades sociais, laborais e educacionais foram se constituindo dentro do ambiente doméstico com o auxílio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Assim sendo, nessa reinvenção do cotidiano, as práticas culturais foram alterando os objetos e os códigos, estabelecendo uma (re)apropriação do espaço e do uso ao jeito de cada um. (CERTEAU, 2002).

No contexto da Educação brasileira, em todos os seus níveis (da Educação Básica ao Ensino Superior), a pandemia afetou de modo distinto professores e estudantes de diferentes

etapas e modalidades de ensino, e, por conseguinte, muitas desigualdades educacionais preexistentes tendem a se elevar em função das lacunas de acessibilidade de professores e alunos às TICs para promoção do Ensino a Distância (EaD). Nessa esteira, as políticas públicas pensadas sob diferentes perspectivas ao longo do período pandêmico não contemplaram, ainda, uma possível solução à aprendizagem dos estudantes, tendo em vista as distorções nas realidades sociais de toda a população brasileira.

Uma das estratégias percebidas na Pós-Graduação, mas impactando também a Graduação, é o processo de realização de estágio docente, no qual em um momento de pandemia é inviabilizado de ocorrer no ensino presencial. O que se tem adotado para que essa prática seja efetiva é a utilização das TICs, em especial a plataforma Moodle, para a gravação de aulas ou transmissão de conteúdo síncrono. A crítica a ser feita é que nem todos os discentes – tanto de Pós quanto de Graduação – têm acesso a ferramentas digitais que possibilitem o andamento de uma aula participativa; por isso, a tática de a maioria do conteúdo ser gravada, para que a maior parte dos alunos possa ter acesso no melhor momento possível, dentro de suas particularidades, levando-se em consideração a rapidez com que cada um teve para se adaptar a esse momento, tanto a instituição de ensino quanto os discentes.

Pensamos neste artigo, a pesquisa em tempos de pandemia, como um momento de crise, ou adversidade, a partir da perspectiva de Petit (2009), na obra **A arte de ler ou como resistir à adversidade**, em que a autora entende o mundo como um espaço de crise; refletimos sobre o desenvolvimento da pesquisa e da leitura demandado pelo processo investigativo nesse cenário que é marcado por uma transformação ampla, capaz de mudar nossos modos de sociabilidade, podendo operar o caráter social e psíquico do dia a dia. Nesse viés, algumas reflexões surgem pela abordagem da autora: qual o impacto da aceleração das transformações consequentes da pandemia em nossas pesquisas? O que essa experiência pode significar ou reverberar em nossas vidas pessoais? Petit (2009) ainda nos indaga: qual é o papel do livro, da leitura e da biblioteca nesse contexto da pesquisa em tempos adversos?

Em um diálogo com Certeau, Petit (2009) nos adianta que os processos de leitura se dão por apropriações singulares, o que viabilizamos nesse contexto de pesquisa no qual tem nos exigido o senso de descoberta colocado pela autora, vinculando as pesquisas com nossas próprias questões singulares, o que permite escrever nossa própria história a partir do que é vivenciado no momento de crise, ou seja, é quase inevitável o impacto que a pandemia causa na nossa vida, consequentemente no nosso modo de escrever e no andamento das pesquisas, principalmente pensando nos estudos em HHE, nos quais somos dependentes de fontes, e algumas delas, no atual momento, estão impossibilitadas de serem acessadas.

São muitas as narrativas que estão em disputa nesses tempos, tentando vislumbrar quais são os próximos cenários e os impactos acarretados na pesquisa. Nesse sentido, tentou-se narrar as singularidades com que cada autor deste artigo está vivenciando, em um ponto de vista interdisciplinar, convergindo com o campo da HHE.

A PESQUISA E SEUS DESAFIOS

Do ponto de vista historiográfico, é preciso que, em tempos de isolamento social, debruçemo-nos sobre os objetos para uma imersão na pesquisa. Paciência, concentração e dedicação

tornam-se tarefas ainda mais necessárias e desafiadoras, tendo no campo da História da Educação a tarefa instigante de traçar um diálogo teórico para se compreender o presente e tentar entender os passos do futuro tendo como objeto o livro, a leitura, as bibliotecas e os arquivos documentais. As pesquisas, diante dessas abordagens, têm ganhado novos olhares, tornando-se narrativas, que vão da produção dos textos à circulação e ao consumo dos materiais (CASTRO; BORGES; CASTELLANIOS, 2020). Nesse sentido, as pesquisas historiográficas costumam ter como fontes arquivos, bibliotecas e entrevistas, por meio dos recursos na perspectiva da história oral. Contudo, em tempos de isolamento social, quais são as dificuldades encontradas pelos pesquisadores?

Alicerçados no debate quase diário da interferência da pandemia nas pesquisas de Pós-Graduação, decidimos, portanto, realizar um levantamento sobre as pesquisas que estão sendo realizadas ou que foram concluídas atualmente na linha de pesquisa HHE do PPGE-UDESC. Assim, indagamos aspectos como a ausência ou o acesso às fontes, aos aportes teóricos – como documentos, livros –, às pessoas (história oral), entre outros. De modo particular, das angústias, necessidades e descobertas experimentadas no desenvolvimento da pesquisa, reconhecemos, de forma geral, a dificuldade desse percurso voltada a dar conta do objetivo almejado: a construção do conhecimento por meio de diversificados materiais de pesquisa.

Os pesquisadores: entre adversidades e possibilidades

Ao garimpar fontes para a pesquisa científica e de Pós-Graduação, deparamos com a utilização de TICs que, nos dias de hoje, ajudam no processo de constituição do objeto de pesquisa. Encurtam caminhos, aproximam lugares e elementos, admitindo uma velocidade maior de produção e investigação. Porém, nem tudo é descoberto: diversos livros, jornais, artigos, entre outras obras estão apenas em meios físicos, o que impossibilita ou adia a apropriação de tais recursos em situações nas quais podemos estar impedidos de acessar todas as fontes essenciais à construção do conhecimento. Há necessidade de investir na divulgação, no acesso, na permanência e na ampliação dos recursos digitais, no entanto, esse não é o propósito deste trabalho, mas sim proporcionar uma reflexão sobre como ainda alguns documentos se encontram preservados apenas fisicamente, como os exemplares do jornal *A Ponte*, editado e disponibilizado pela Editora Lunardelli, no qual todas as edições estão fisicamente disponíveis aos pesquisadores na Biblioteca Pública de Santa Catarina, bem como os prontuários dos apenados da Penitenciária da Pedra Grande (1930-1980), que se encontram salvaguardados no Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH/UDESC).

Outros jornais já estão digitalizados e disponíveis na Hemeroteca Digital de Santa Catarina. Diante da pandemia, locais foram fechados e nos encontramos em um suplício de Tântalo, não estando de castigo no Tártaro como na mitologia grega, mas muito próximo das frutas e da água sem poder saciar a sede e a fome delas (fontes da tese). Entretanto, cabe retomar ao contexto e levantar a discussão debatida por Chartier (2002, p. 28), a da

[...] possibilidade ou a necessidade de as bibliotecas digitalizarem suas coleções (particularmente os jornais e revistas), tal observação lembra que, por mais fundamental que seja esse projeto de digitalização, ele nunca deve conduzir à relegação ou à destruição dos objetos impressos do passado.

Completando isso, cabe-nos, como leitores, cidadãos, herdeiros do passado, exigir que os processos de digitalização não provoquem a extinção dos suportes originais, mantendo sem-

pre o acesso aos escritos da forma como foram impressos.

Pesquisas que necessitam de fontes orais, a partir da perspectiva metodológica da história oral, também acabam por se prejudicando nesse tempo, a partir do momento em que elas necessitam passar pelo Comitê de Ética da Universidade em questão e, mesmo após a aprovação do projeto, é necessário que o pesquisador crie novas possibilidades para a coleta de informações que não coloquem em risco a vida do entrevistado e do entrevistador. A partir desse quadro, novas formas e possibilidades de pesquisa em tempos de crise abrem-se para o contexto em HHE.

Diante dessas reflexões, decidimos fazer o levantamento de dados referentes às percepções e dificuldades enfrentadas pelos pós-graduandos da linha de pesquisa de HHE do PPGE/ UDESC durante o desenvolvimento de suas pesquisas. Para tanto, foi aplicado, por e-mail, um questionário semiestruturado para 20 estudantes, sendo cinco do Mestrado e 15 do Doutorado, de turmas ingressantes entre 2016 e 2019. Desse total, 11 responderam ao questionário, o que representa 55%, sendo quatro mestrandos e sete doutorandos. Na perspectiva de Morgarro (2005, p. 6), trabalhar com os questionários como fontes oportuniza mobilizar:

[...] os modelos etnometodológicos e os instrumentos da nova história cultural e intelectual [...] [que estabelecem] [...] numa posição de grande centralidade os discursos produzidos pelos diversos atores educativos no interior dos espaços sociais e escolares [...].

O estudo revelou que, dos 11 que responderam ao questionário, dois são doutorandos ingressantes em 2016, dois doutorandos de 2017, três mestrandos e três doutorandos de 2018 e um mestrando de 2019. Nessa análise, reconhecemos que seis dos pós-graduandos são do sexo feminino e cinco do masculino. A seguir, demonstramos os dados por meio do Gráfico 1.

Gráfico 1 – Gênero dos entrevistados do PPGE em HHE



Fonte: elaborado pelos autores, a partir dos questionários (2020).

De acordo como os resultados obtidos com a aplicação dos questionários, as pesquisas se encontram no campo da História Cultural, utilizando majoritariamente autores como Roger Chartier e Michel de Certeau, em seguida Michel Foucault e Pierre Bourdieu para movimentação das fontes e a teoria que oportuniza um olhar a partir de novas problemáticas no campo da Educação, como: história do livro, das bibliotecas, dos leitores, objetos escolares, das culturas escolares, seus agentes, entre outras possíveis sensibilidades a serem analisadas.

Uma das maiores dificuldades encontradas pelos estudantes nesses tempos tem relação com o tipo de pesquisa no qual os trabalhos estão propostos, sendo muito comum no campo historiográfico a pesquisa de caráter documental. Nesse sentido, todos os estudantes participantes desta pesquisa realizam seus escritos com base nessa metodologia. Metade dos estudantes também conta com pesquisas bibliográficas, e dois pesquisadores precisam ir a campo para realizar seus trabalhos. Segundo as respostas do questionário, a maioria dos participantes deste estudo tem como fonte de pesquisa o arquivo documental. A seguir, o Gráfico 2 para apreciação.



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos questionários (2020).

Desse modo, é nítido como os tempos de isolamento social prejudicam a pesquisa historiográfica, principalmente nos remetendo a Certeau (2006, p. 80), que classifica o fazer história como uma prática apoiada em estabelecimentos com fontes nas quais “[...] tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”.

Nessa perspectiva, descreve Pesavento (2008, p. 61):

O historiador escolheu o tema, formulou uma pergunta, construiu seu tema como objeto a partir dessa questão e dos pressupostos teóricos com os quais pensou resolvê-la; foi aos arquivos, selecionou fontes e com elas armou uma rede de significados que expôs por meio de um texto, onde buscou dar a ver o passado numa versão, plausível, possível, que aspira a ser tomada como a mais próxima possível do real acontecido. Ele buscou traduzir como as pessoas de um tempo agiam, pensavam, se expressavam.

Ao (re)interpretar os acontecimentos a partir das fontes, é possível lhes conferir novas significações, já que um documento está sujeito a uma construção de múltiplos sentidos. O caráter variável, imperfeito e relativo da experiência humana permite proceder a múltiplas interpretações dessa historicidade.

Quando questionados sobre a utilização do espaço físico das bibliotecas para leitura/escrita antes da pandemia, dois pós-graduandos responderam que utilizavam sempre, cinco utilizavam quase sempre e três às vezes, revelando que o espaço físico da biblioteca é um local muito utilizado por pesquisadores no campo historiográfico para a prática da leitura e escrita científica. Como estudiosos desse tema e usuários desse espaço, podemos inferir que o “espírito” da biblioteca inspira criatividade e concentração.

Em relação ao empréstimo de livros, a pesquisa mostra que 70% dos entrevistados tinham como prática esse serviço das bibliotecas, e os outros 30% quase sempre, mostrando também que, assim como a prática de escrita no ambiente físico das bibliotecas, seus acervos lhes auxiliavam nas práticas de leitura. Esse número diminuiu em grande proporção durante a pandemia. Metade dos entrevistados aponta que nunca pegou livros nas bibliotecas durante o período de isolamento social, 30% raramente, 10% às vezes e outros 10% continuaram retirando livros como antes. As principais dificuldades relatadas para a diminuição dos empréstimos dos livros durante a pandemia foram: impossibilidade de deslocamento até a biblioteca, tendo em vista que os ônibus pararam de circular durante o período crítico de quarentena; redução dos dias de atendimento da biblioteca, que passou a ser no período da tarde e apenas um dia na semana. Esses dados mostram o que nos adverte Certeau (2006): as operações historiográficas têm suas particularidades sociais. Nesse sentido, o estudo revela que no caminho da História da Educação seguimos com a tarefa de escrever, nesses tempos, nossas pesquisas historiográficas como um lugar social (CERTEAU, 2006), articulando-se com essa realidade que nos cerca.

Por outro lado, a leitura encarada como prática modifica-se ao longo da história e, nesta pesquisa, mostrou-se da mesma forma. A leitura de livros digitais já se fazia presente na vida dos pesquisadores, mas, com o isolamento social, essa prática aumentou em 10%.

Para além dos livros acadêmicos, digitais e/ou impressos, comumente utilizados nas pesquisas em educação, foi percebido, também, que a leitura de livros literários foi intensificada durante a pandemia, o que nos leva a supor que a prática de leitura de alguns estudantes se modificou diante desse cenário de confinamento. Chartier (2003, p. 173) mostra que, pela leitura, é possível entender a prática como “[...] um gesto individual ou coletivo dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer, das concepções da individualidade”. Considerando que a leitura de um livro e/ou texto também gera práticas criadoras, podendo produzir respectivamente práticas sociais, Chartier (1990) entende que a história das práticas culturais deve considerar necessariamente esses emaranhados e reconstituir trajetórias complexas, da palavra proferida ao texto escrito, da escrita lida aos gestos feitos, do livro impresso à palavra leitora. Nesse sentido, a leitura, acadêmica ou literária, contribui amplamente para que os indivíduos construam um sentido para os fatos históricos e, de uma maneira geral, para o mundo.

Pelo olhar de Certeau (2002, p.119), o “homem ordinário” (re)inventa o cotidiano com astúcia, elaborando mil maneiras de fazer, escapando da conformação e resistindo às adversidades, atualmente, impostas pela pandemia do Covid-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo talvez sirva como um respiro nesse tempo adverso, tanto para nós, como autores – pois nos forçamos a nos reunir semanalmente de forma virtual para discutirmos a metodologia de trabalho e acabamos por socializar experiências do dia a dia para além de uma reunião como grupo de pesquisa, mas também como amigos – quanto aos leitores deste texto, que igualmente possam se identificarem com o momento em que estamos vivendo, pois a leitura pode contribuir para confortar e para o bem-estar nesses tempos (PETIT, 2009). Esses tempos pandêmicos também podem servir para nos descobrir por meio do trabalho, da amizade e da leitura. Contextos de crises podem servir para dar outro significado para a prática de leitura, são

tempos para “[...] redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica” (PETIT, 2009, p. 22).

Na compreensão de que as fontes são diversas e que apenas uma fração se encontra disponível no ambiente virtual, torna-se imprescindível o acesso aos documentos abrigados em arquivos, a presença no cotidiano das instituições e de seus sujeitos. O encontro com o objeto do estudo visa facilitar o entendimento na análise das fontes e das culturas em uma perspectiva histórica e, assim, tecer um texto com mais robustez. O conhecimento teórico e metodológico, com a sensibilidade no tratamento das fontes, configura uma matéria-prima fundamental, na qual será construída a narrativa histórica. Assim, o (re)encontro com o material da pesquisa poderá ampliar o conhecimento e promover novas possibilidades de estudo. Isso ocorre ao nos depararmos com documentos que, a princípio, não eram alvo do nosso interesse, no depurar do conhecimento, mas se tornam imprescindíveis para dar conta do objetivo da investigação.

Para alguns pesquisadores, a angústia com a impossibilidade de retornar às bibliotecas e aos arquivos em busca de outras evidências e/ou compreensão dos fatos tornou a escrita solitária, por vezes frágil, pois, durante o distanciamento social, para alguns, esse processo ficou apático, sem vitalidade. A urgência do saber e a construção do conhecimento, em certos momentos, mergulharam-se em desânimo diante de tantas adversidades. Assim, algumas táticas foram criadas para contornar as vicissitudes impostas pela pandemia e reavivar os estudos: a leitura de livros literários impressos e/ou digitais, os encontros a distância com professores, colegas de curso e com grupos de estudo por meio das TICs. Tais dinâmicas foram essenciais para o despertar da consciência e a retomada da leitura e da escrita acadêmicas.

As discussões neste artigo apontam dificuldades no acesso às fontes documentais, sendo primordiais ao desenvolvimento das investigações nesse campo – valor das fontes documentais no modo digital como facilitador ao acesso. Com isso, defendemos a necessidade de aprofundar a discussão sobre a adoção de políticas públicas para digitalizar e preservar o acervo físico, garantindo não apenas a pesquisa histórica, mas também a guarda da memória da História da Educação catarinense e brasileira. Exemplos não faltam, tanto no cenário nacional com incêndio em museu¹ quanto no contexto catarinense com infiltrações no Arquivo Público do estado². É urgente pensar sobre a necessidade das políticas públicas voltadas à conservação/divulgação das fontes documentais. Há urgência na digitalização dos documentos como forma de promover o acesso à pesquisa, bem como preservar o acervo das intempéries.

Diante de algumas limitações impostas por esse momento atípico, que impossibilitou as pesquisas *in loco*, foi possível perceber a delicada construção dos trabalhos acadêmicos por meio deste estudo. Assim, ao refletirmos sobre o cenário atual da Educação, nesse caso, da Pós-Graduação em tempos de pandemia, reconhecemos que nem todos os pesquisadores conseguiram realizar seus estudos no tempo regular do curso, seja por motivos já elencados neste texto ou por tantos outros experienciados de formas singulares nesse momento de adversidades. Portanto, isso nos levou a pensar, primeiramente, sobre a importância de cuidarmos de vidas para a continuidade dos trabalhos científicos futuros.

¹ Referente ao incêndio no Museu Nacional no Rio de Janeiro, em 2018.

² Sobre o incidente oriundo de um temporal que provocou infiltrações no Arquivo Público de Santa Catarina, causando danos no acervo, em 2018.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Cesar Augusto; BORGES, Almiceia Larissa Diniz; CASTELLANIOS, Samuel Luís Velázquez. A imprensa maranhense de educação e ensino: os discursos sobre o livro e a leitura (1902-1932). *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 58, n. 56, p. 1-26, abr./jun. 2020.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHARTIER, Roger. *Formas e sentido, cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: ALB; Mercado de Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução: Fulvia M. L. Moreto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entres práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). Grupo de Pesquisa em Cultura Impressa e Digital (GP-CiDi). Brasília, 2014. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6481086646725975>. Acesso em: 10 out. 2020.
- LUIGI, Ricardo; SENHORAS, Elói Martins. O novo coronavírus e a importância das organizações internacionais. *Nexo Jornal*, São Paulo, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/O-novo-coronav%C3%ADrus-e-a-import%C3%A2ncia-das-organiza%C3%A7%C3%B5es-internacionais>. Acesso em: 9 ago. 2020.
- MOGARRO, Maria João. *Memórias de professores: discursos orais sobre a formação e a profissão*. *História da Educação*, Pelotas, v. 9, n. 17, p. 7-31, jan./jun. 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy. *História e História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: 34, 2009.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CATARINA (UDESC). Centro de Ciências Humanas e da Educação: Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://www.udesc.br/faed/ppge>. Acesso em: 14 out. 2020.